

MATERIAL IMATERAL: OS RESULTADOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM PROCESSOS FOTOGRÁFICOS ALTERNATIVOS

MATERIAL IMATERIAL THE RESULTS OF A PEDAGOGICAL PRACTICE WITH ALTERNATIVE PHOTOGRAPHIC PROCESSES

Pablo Petit Passos Sérvio¹

Professor UFMA

Alexia Giovana da Silva Monteiro²

Licenciando em artes visuais - UFMA

Enderson Ney dos Santos³

Licenciando em artes visuais - UFMA

Juliana Silva dos Santos⁴

Licencianda em artes visuais - UFMA

Pedro Emanuel Fernandes de Vasconcelos⁵

Licenciando em artes visuais – UFMA

RESUMO

Neste artigo, esperamos fazer um relato de experiência da segunda turma do curso de extensão Processos Fotográficos Alternativos (UFMA) ofertada durante o ano de 2022 de modo a questionar seus resultados técnicos e artísticos. Para tanto, descrevemos as propostas feitas aos alunos que levaram à construção da exposição Material Imaterial (2022). Como conclusão, demonstramos o quanto o trabalho pedagógico com processos fotográficos alternativos estimula não só o desenvolvimento de um olhar científico e competências técnicas, mas a ampliação das possibilidades poéticas da expressão artística por meio da fotografia. Apontamos o quanto tornou-se evidente o

¹ Professor do Departamento de Artes Visuais UFMA. Doutor e mestre em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. <http://lattes.cnpq.br/1358162078604076>

² Aluna da licenciatura em artes visuais - UFMA. <http://lattes.cnpq.br/9116480884215579>

³ Aluno da licenciatura em artes visuais - UFMA. <http://lattes.cnpq.br/0316903088389303>

⁴ Aluna da licenciatura em artes visuais - UFMA. <http://lattes.cnpq.br/7188842430049855>

⁵ Aluno da licenciatura em artes visuais - UFMA. <http://lattes.cnpq.br/4131365774770663>



potencial lúdico e interdisciplinar desta estratégia pedagógica e como as temáticas abordadas podem promover experiências significativas para os alunos.

Palavras-Chave: *fotografia. educação. artes visuais. processos fotográficos alternativos. cianotipia.*

ABSTRACT

In this article, I hope to report on the experience of the second group of the Alternative Photographic Processes extension offered during the year 2022 in order to question the technical and artistic results of working with alternative photographic processes. In conclusion, we demonstrate how much the pedagogical work with alternative photographic processes stimulates not only the development of a scientific look and technical skills, but also the expansion of the poetic possibilities of artistic expression through photography. We point out how the playful and interdisciplinary potential of this pedagogical strategy has become evident and how the themes addressed can promote meaningful experiences for students.

Keywords: *photography. education. visual arts. alternative photographic processes. cyanotype.*

INTRODUÇÃO: O CURSO DE EXTENSÃO EM PROCESSOS FOTOGRÁFICOS ALTERNATIVOS

Durante a história da fotografia muitos processos foram criados e abandonados pela indústria em sua busca por procedimentos mais rápidos, baratos, padronizados, etc. Hoje, por exemplo, a fotografia digital tornou a analógica ultrapassada aos olhos da indústria *mainstream*. Todos estes processos deixados de lado por esta indústria são descritos como processos fotográficos alternativos. A cianotipia, o marrom vandyke, a goma bicromatada, são alguns desses processos. Cabe ressaltar, contudo, que estes processos fotográficos alternativos nunca foram extintos. Sempre se manteve o interesse, mesmo que por grupos pequenos de fotógrafos e pesquisadores, de manter e difundir o conhecimento sobre estes processos que fizeram parte da história da fotografia.

Há ainda hoje desenvolvimento de pesquisas que levam a novas bibliografias e procedimentos artísticos, como mostram os trabalhos de James (2002) e a poética de Kenji Ota (BRACHER, 2012) que traz a materialidade da imagem, algo abandonado na experiência digital, para o centro de sua obra. Já no século XIX, com os fotógrafos artistas pictorialistas, a artesanias dos





processos alternativos foi extremamente valorizada e explorada. Hoje, sabe-se de inúmeros grupos de fotógrafos/artistas e professores persistem na análise e desenvolvimento dos chamados hoje, processos fotográficos alternativos.

O que propostas como esta, grupos, ou mesmo entusiastas isolados demonstram é que se a industrialização entrega preço, velocidade e padronização, ela também retira dos artistas grande parte do controle do processo fotográfico, reduzindo então as possibilidades de expressão. Refletir sobre esta abordagem da fotografia nos leva a pensar sobre a proposta de Vilen Flusser (2002) sobre a oposição entre o operário e o fotógrafo. Flusser defende que devemos jogar contra o aparelho fotográfico, tentando afirmar nossa autonomia na busca por imagens mais originais. Que forma mais eficiente de fazer isso se não tomando para si o controle da maior parcela do processo de produção de imagens? É essa a maior razão da busca por processos fotográficos alternativos.

Esta é a base conceitual para o curso de extensão em processos fotográficos alternativos ofertada pelo Departamento de Artes Visuais da UFMA, um curso anual com vagas para formados em licenciatura em artes visuais que já atuam na docência e, também, vagas em menor quantidade para alunos ainda licenciandos. O curso teve início em 2019. Desde então já teve três turmas que resultaram em três exposições: *Eu, Cianotipia* (2019); *Material Imaterial* (2022) e *Submergir* (2023).

Do ponto de vista poético, o curso de extensão em Processos Fotográficos Alternativos (UFMA) busca possibilitar a artistas-professores o desenvolvimento de competências técnicas que possam amplificar sua compreensão sobre os meios fotográficos e abrir assim novas possibilidades expressivas (GIORGI, 2017). Além disso, em práticas pedagógicas, o trabalho com processos fotográficos alternativos representa ganhos devido a seus potenciais lúdicos. Ocorre que aqui os alunos vivenciam um processo marcado pela artesanaria, pelo trabalho manual com papéis e químicos. E podem testemunhar a olhos nus a ação reveladora da luz sobre o papel sensibilizado. Há todo um prazer baseado nos impulsos sensíveis que ganha realização nestas vivências. E, também, impulsos formais, intelectuais, são estimulados aqui. Toda essa experiência prática estimula ainda um modo de pensar científico, metódico e questionador.

Quando ao procedimento pedagógico adotado pelo curso de extensão em Processos Fotográficos Alternativos é importante ressaltar o quanto o ambiente educacional se dá como ambiente de pesquisa em que todos os alunos foram envolvidos. Aqui os alunos são convidados





a aprender e desenvolver conhecimento técnicas. Por exemplo: maior avaliação do valor da acidificação do papel; observação das diferenças entre os resultados ao se utilizar o citrato férrico amoniacal verde ou marrom; percepção da importância de um bom manuseio do pincel para, com um maior carregamento de solução sensibilizante no emulsionamento do papel, conseguirmos como consequência uma reprodução de mais detalhes nas altas luzes; apontamentos sobre a melhor forma de utilizar os pincéis para conseguirmos maior uniformidade na imagem reproduzida; entendimento de como imagens diferentes (ou mais escuras ou mais claras) podem necessitar tempos de exposição diversos; identificação dos diferentes tempos de exposição em nossa mesa de luz para cada tipo de papel trabalhado e aprimoramento da preparação em aplicativos de computador das imagens para a impressão de negativos digitais.

Neste artigo, esperamos fazer um relato de experiência da segunda turma do curso de extensão Processos Fotográficos Alternativos ofertada durante o ano de 2022 de modo a demonstrar na prática os resultados artísticos do trabalho com processos fotográficos alternativos.

RESULTADOS ARTÍSTICOS - A EXPOSIÇÃO MATERIAL IMATERIAL

Todos os desenvolvimentos no nível técnico são fundamentais para os resultados que conseguimos com os alunos. Contudo, lembrando que arte nunca é apenas forma, mas também conteúdo, precisamos avaliar também as temáticas que os alunos foram provocados a investigar durante o curso de extensão.

É preciso deixar claro que esta segunda turma deveria ter acontecido em 2020. Contudo, com a pandemia todo nosso planejamento teve que ser reformulado. Em primeiro lugar, pelo simples fato de que era impossível seguir as orientações de isolamento considerando que praticamente a totalidade do nosso trabalho no curso de extensão ocorre dentro de uma sala fechada. Mas quando o isolamento começou a ser relaxado já em 2022, já não conseguimos propor exatamente as mesmas temáticas que havíamos proposto na turma de 2019.

Foi evidente a partir do momento em que a turma se iniciou em abril de 2022 que os alunos não tinham a mesma postura dos alunos de 2019. Os anos de pandemia haviam levado de certa forma a leveza dos alunos. Por isso, pensamos em mudar mesmo que sutilmente as propostas temáticas dos trabalhos. Não mais focamos em questões livres sobre identidade. O tema sobre o autoconhecimento manteve-se, mas agora com alguns direcionamentos. Deveriam produzir:





1) imagens que remetessem a memórias positivas, que eles considerassem que os fortaleciam. Em cianotipia e no papel. 2) imagens que expressassem uma esperança para o futuro. Em cianotipia e no papel. 3) imagens que homenageassem aquelas pessoas que eles consideravam como seus pilares emocionais. Em cianotipia em tecido. 4) fotogramas com plantas que, como buquês, fossem simbolicamente ofertados para as pessoas que consideram seus pilares emocionais. Em cianotipia molhada no papel. 5) autorretratos com poses padronizadas para remeter à ideia de memória e de esperança. Em Marrom Van Dyke no papel. 6) Fotogramas que retratassem como se relacionam com as quatro emoções básicas: alegria, raiva, medo, tristeza.

Para os alunos que já atuam como professores no ensino básico foi feito ainda um convite, que provocassem seus alunos a escreverem sobre seus sonhos para o futuro. Duas alunas toparam a proposta. Em contrapartida, produziríamos para eles retratos em antotipia. Todas estas propostas compuseram a exposição Material Imaterial que ocorreu na Galeria Acadêmica de Artes Visuais (UFMA) e teve sua abertura no dia 05 de setembro de 2022.

A principal parede da exposição foi preenchida com os trabalhos que tinham como temáticas memórias que os fortaleciam e esperanças para o futuro. Para compor essa parede juntos decidimos que todos fariam retratos em Marron Van Dyke com as seguintes poses: o retrato de perfil e de olhos fechados olhando para a esquerda acompanharia a obra sobre a memória; o retrato no ângulo três quartos, contraplongée, com olhos abertos olhando para direita acompanharia a obra sobre a esperança.

Figura 1. Retratos em marrom vandyke

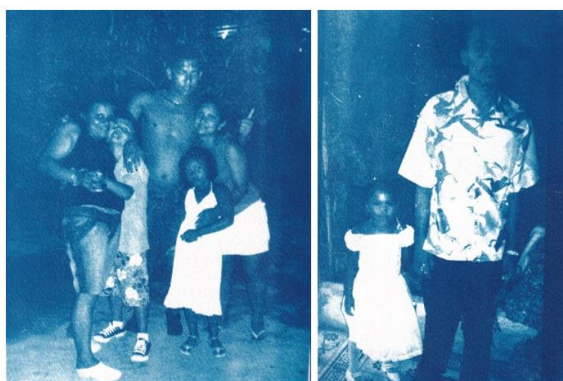


Fonte: arquivo pessoal



Não há espaço para detalhar as propostas de todos os alunos, mas descrevo algumas a título de exemplo. Em seus trabalhos sobre uma memória que fortalece e uma esperança para o futuro Alessa ressaltou o tema das ligações familiares. Escolheu para a reprodução em cianotipia duas fotografias antigas de álbum de família. Abaixo à esquerda temos a imagem de toda a sua família reunida. Esta é a esperança que a movimenta, a de que todos permaneçam juntos assim por muito mais tempo. A imagem a direita, por sua vez, traz a imagem de seu pai já falecido, uma imagem que por um lado se confronta com a esperança de união familiar, mas que a seu ver a fortalece na medida em que a faz lembrar do tempo em que tinha a companhia do pai.

Figura 2. Obras de Alessa



Fonte: arquivo pessoal

Para representar uma esperança, Hugo Alves também utiliza a imagem de uma criança de sua família, seu sobrinho, que destacou com uma aureola em folha de ouro. A fotografia também foi escolhida por representar um momento em que Hugo fez sua primeira viagem para fora do Maranhão. A imagem também passou por uma viragem com café. Para representar as memórias de sua avó, Hugo recorreu criativamente a uma imagem em que a avó não está literalmente figurada. Trata-se de uma imagem de sua sobrinha na janela em um momento em que ela estava sobre os cuidados da avó. Ela pode não aparecer na imagem, mas como ele diz, ela estava lá. Para Hugo a foto representa a presença da avó como uma figura de cuidado para todos da família. Ele escolheu ainda produzir algumas intervenções na reprodução em cianotipia, fez uma viragem com carbonato de sódio, produzindo uma hidrólise alcalina não completa que transformou parte do azul em um tom amarelado, que para ele remete à ideia de uma memória desbotada. Para marcar mais explicitamente a presença da avó, costurou sua figura e colocou ganhos na lateral da imagem. Isso pois ela gostava muito de costurar e cuidar de plantas.



Figura 3. Obras de Hugo



Fonte: arquivo pessoal

Para representar uma esperança, Thamires Lopes traz uma imagem em que está tentando com as palmas das mãos segurar a água de um córrego. Para ela, esta imagem representa por um lado a esperança de conhecer novos lugares, mas por outro essa busca pelo sentimento de pureza e a dúvida sobre o que pode conseguir segurar, o que é permitido a ela esperar do futuro. Thamires traz como uma memória que a fortalece, não uma lembrança da sua vida, mas uma lembrança de sua mãe. Para Thamires, saber da luta da mãe como quebradora de coco na infância e adolescência a faz se tornar alguém mais forte para poder também colaborar com uma melhor qualidade de vida da mãe hoje.

Figura 4. Obras de Thamires



Fonte: arquivo pessoal

O objetivo desta proposta foi estimular os alunos a tomarem mais consciência sobre seu passado, de onde vieram, e também sobre suas projeções para o futuro, para onde vão, e o que os motiva. Por fim, é possível ressaltar o quanto a história familiar marcou o trabalho de muitos alunos, em suas memórias e suas esperanças. Muitos lembram de parentes, que, por vezes, já



se foram, e das marcas que deixaram neles, seus pais, mães, avós. Marcas que guiam, inspiram, suas esperanças.

No geral, foi possível ver nesses trabalhos o quanto se faz presente a importância das crianças, a inspiração e a responsabilidade que elas provocam, sejam familiares ou alunos. Alguns alunos, contudo, se detiveram menos em memórias e esperanças concretas e mais em uma avaliação de como compreendem os conceitos de memória e esperança. Isso pode ter ocorrido por uma dificuldade de expressar de forma mais explícita histórias pessoais. O que é compreensível.

Outras temáticas foram propostas aos alunos, todas com o sentido de os fazer pensar sobre si, mas com um sentido fortalecedor. O conceito de gratidão foi o inspirador para a proposta que descrevemos a seguir. Para experimentarmos a produção de cianotipias em tecido, assim como a técnica da cianotipia molhada, pedimos que eles pensassem em alguém que considerassem como um pilar, alguém que está ou esteve por eles emocionalmente e a quem eles gostariam de agradecer. Um retrato dessa pessoa deveria então ser reproduzido em tecido e um fotograma botânico em cianotipia molhada deveria ser produzido para representar um buquê entregue a essas pessoas. Por fim, a obra ficou assim.

Figura 5. Painel dos pilares



Fonte: arquivo pessoal

É interessante observar que as mulheres foram as principais homenageadas, em especial as mães. Pedro, Ney, Jordan, Thamires, Brenda, Lucas, Alessa, Kaylanne homenagearam suas mães. Hugo homenageou mãe, avó e irmã. Tiago, a sobrinha e mãe. Namíbya agradeceu à avó. Ronald, a sobrinha. Adriana, uma amiga. Suzana foi a única a homenagear um homem, seu pai.



Seja a quem for, pude perceber que este trabalho foi um que inspirou sentimentos positivos em todos os alunos, especialmente durante a abertura da exposição quando os homenageados estiveram presentes.

Outra atividade pedia a produção de fotogramas que representassem a seu modo as 4 emoções básicas. Lucas baseou sua produção mais uma vez na sua experiência familiar, nas lembranças de seu pai que sofreu de alcoolismo. Para evocar esta história colocou cada um de seus fotogramas dentro de garrafas. Um deles, o da felicidade, usa borboletas para representar a expressão “borboletas no estômago”. Na segunda garrafa, rachaduras e as borboletas se perdem criando um desequilíbrio e tristeza. Na terceira garrafa um demônio representa a raiva que movimenta a violência por vezes contra a própria família. Por último, o terço acompanha o símbolo da morte como um sinal do medo, medo de até mesmo, como diz Lucas, de “se tornar justamente aquilo de que tentamos nos distanciar”. Lucas usou estênceis para formar seus fotogramas.

Figura 6. Obra de Lucas



Fonte: arquivo pessoal

Aretha tem como temática geral do seu fotograma, as dores no corpo por uma doença que enfrenta. Tristeza e raiva se ressaltam tanto que se pergunta onde encontrar felicidade.

Brenda também tematiza todos os seus fotogramas a partir de sua experiência de estar lidando com uma doença grave. A borboleta representa uma parte do seu corpo que precisou ser retirado



no tratamento. A raiva e o medo se misturam em formas triangulares que representam o processo de tomada de consciência da doença. A tristeza é simbolizada na representação de uma coluna, fonte de muitas dores que se espalhavam pelo seu corpo. Para Brenda a alegria é um dia sem dor.

Figura 7. Obras de Aretha e Brenda



Fonte: arquivo pessoal

Especialmente quanto aos fotogramas, percebemos ainda nas primeiras aulas que uma revisão sobre elementos da linguagem visual, antes não prevista no planejamento, poderia auxiliar os alunos na construção de suas composições. Daí propomos uma oficina com este tema. Também percebemos que os alunos tinham dificuldade de criar imagens a partir de uma reflexão prévia sobre um conceito artístico. Isso motivou o convite à artista visual Lúcia Minami que fez uma palestra sobre o seu processo criativo.

O último trabalho proposto para a exposição Material Imaterial foi feito com a colaboração dos alunos das professoras Suzana Melo e Adriana Marques que participaram de nossa exposição escrevendo cartas em que descreviam sonhos. Em troca, fizemos retratos dos alunos e reproduções em cianotipia e antotipia de cúrcuma.



Figura 8. Obras de ALESSA



Fonte: arquivo pessoal

Como avaliação de todos estes trabalhos, destacamos 1) A diversidade de soluções técnicas e estéticas sugeridas pelos alunos aos nossos desafios. 2) A satisfação especialmente quando os alunos compreenderam a ampliação de possibilidades representadas não só pelos processos fotográficos alternativos, mas também pelo conceito de fotografia expandida (FERNANDES JUNIOR, 2006). Foi gratificante os ver experimentando a fotografia em obras marcadas pela tridimensionalidade. Também as intervenções com bordados demonstraram o espírito livre que ganharam dentro do curso de extensão. 3) O fato de que alguns utilizaram-se de imagens de forma a sugerir metáforas e não simplesmente para reproduzir um acontecimento também deve ser destacado como uma vitória do curso de extensão no sentido de ampliar a compreensão dos usos da imagem fotográfica pelos alunos.

Como a exposição teve apenas duas semanas aberta, aceitamos o desafio de aprender formas de produzir uma visita virtual. Duas ferramentas gratuitas foram fundamentais para isso e outros professores poderão também se aproveitar delas. Utilizamos o aplicativo Google StreetView para criar fotografias 360 graus da exposição por meio da criação do que o app chama de Photo Sphere. Uma consideração importante é que nem todos os smartphones permitem utilizar este recurso. Em seguida fizemos o upload desta imagem bidimensional para o site Thinglink. Ele permite simular a partir da imagem um ambiente 3D, além de possibilitar que adicionemos botões com o qual o visitante pode interagir. Então adicionamos às cenas botões que levam a todas as informações sobre as obras dos alunos.

Figura 9. Exposição virtual





Fonte: arquivo pessoal

REVERBERAÇÕES PEDAGÓGICAS

Ao término do curso de extensão pedimos aos alunos que respondessem a uma avaliação do curso. Quanto à pergunta “O que você destaca como uma colaboração da extensão na sua formação como professor?”. Apresentamos alguns dos principais comentários. Pedro, Tiago e Ney ressaltaram a compreensão da importância do trabalho prático, em especial do trabalho em laboratório. Namíbya destacou a importância da organização e planejamento para o trabalho em laboratório com muitos alunos. Suzana falou de uma ampliação de seu repertório artístico. Hugo apontou que podia ver agora como trabalhar com “técnicas diferentes das comuns” e que via nestas estratégias para que seus alunos “também reconheçam que o universo da fotografia é muito maior do que imaginamos”. Aretha destacou a percepção de como é possível trabalhar na escola conceitos que antes pareciam distantes da prática. Adriana ressaltou a possibilidade de propostas pedagógicas mais “poéticas”. Neste mesmo sentido, Lucas avaliou que pode perceber com clareza o “caráter emancipador” do ensino de arte e o “valor dos momentos de livre expressão”. Pedro e Kaylanne identificaram o valor de trabalhar com estratégias que estimulem os alunos a trabalharem coletivamente. Alessa e Brenda pontuaram a perspectiva de trabalhar interdisciplinaridade, com professores de química, física e história.

Quanto à pergunta “O que você destaca como uma colaboração do curso de extensão na sua formação para o trabalho com fotografia no ensino de artes visuais?”, Pedro ressaltou que a extensão o fez pensar na possibilidade de diversos suportes, na importância de debater e



compreender a ideia do outro e fazer também trabalhos colaborativos. Aretha ressaltou a importância de uma metodologia que apresenta o passo a passo de técnicas e que estimula o trabalho em equipe. Tiago apontou para a possibilidade de se trabalhar a prática em laboratório. Brenda destacou que agora vê possibilidades de trabalhar com processos químicos com recursos naturais que estão ao redor dos alunos e que são acessíveis. Lucas destacou o potencial lúdico de se trabalhar com processos fotográficos alternativos, que envolvem também a “mágica” do imprevisto, a ansiedade para ver o trabalho final. Relatou ainda que como o conceito de fotografia expandida, agora tem uma visão mais ampla das possibilidades com a fotografia. Da mesma forma, Ney sublinhou que agora pensa a fotografia para além dos arquivos digitais, a fotografia materializada também nos papeis ou tecidos, e que vê a possibilidade de estarmos sempre criando nestas novas intervenções. Para Hugo:

Desde a consciência da importância histórica e social de cada técnica até a curiosidade de todo estudante de artes, a extensão é um convite e um impulso ao aprendizado e uma expansão do olhar para a própria arte e suas infinitas possibilidades, que raramente olhamos dentro das escolas e universidades.

Adriana também ressaltou a ampliação das possibilidades de criação, e deu destaque para o trabalho com fotogramas. Alessa e Suzana falaram de uma ampliação de repertório no que se refere ao trabalho pedagógico com fotografia e identificam aqui uma ótima oportunidade para trabalhos interdisciplinares. Kaylanne, como Lucas, identificou como interessante a possibilidade de começar uma prática de ensino pela fotografia digital e terminar com processos fotográficos alternativos.

Quanto à pergunta “de que forma pretende trabalhar com processos fotográficos alternativos em sua prática de ensino?”, Pedro respondeu que pretende trabalhar com cianotipia, com fotogramas. Também quer utilizar negativos no papel vegetal por ser mais acessível. Ele também destaca a antotipia como uma possibilidade acessível. Hugo da mesma forma identificou como prioridade os processos mais acessíveis. Kaylanne descreveu que dependendo dos recursos que tiver disponível pretende trabalhar com todas as possibilidades aprendidas. Lucas também ressaltou a ideia de trabalhar com fitotipia e antotipoia em razão de serem acessíveis. Ele destacou ainda o foco em trabalhos que permitam aos alunos espaço para se expressarem criativamente.



Outra questão é explicar esses processos históricos em sua importância atrelado também ao estímulo da criatividade através dos conceitos e temas, onde cada aluno desenvolveria sua própria narrativa, assim como nós tivemos a nossa dentro da proposta da exposição.

Adriana da mesma forma descreve que pretende trabalhar com cianotipia com fotogramas e negativos com foco no estímulo à criatividade. Brenda diz que trabalhará com professores de outras disciplinas como química e física. Suzana também pontou o desejo de trabalhar interdisciplinarmente com outras disciplinas para estimular os alunos a trabalharem com fotografia de outras formas. Ney diz querer trabalhar especialmente com cianotipia molhada.

Todos responderam que o curso de extensão colaborou com a sua formação como professores de artes e todos concluíram que pretendem trabalhar com fotografia na sua prática docente e com processos fotográficos alternativos. Para nosso orgulho, todos avaliaram o curso de extensão como nota máxima. Concluimos então que o curso cumpriu sua missão de ampliar olhares sobre as possibilidades artísticas e pedagógicas da fotografia por meio do conhecimento técnico sobre processos fotográficos alternativos, demonstrando caminhos para o trabalho interdisciplinar, que estimula colaboração e também expressão artística criativa.

REFERÊNCIAS

Livro

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

GIORGI, Fábio. **Manual de Cianotipia e Papel Salgado**. Rio de Janeiro. Ibis Libris, 2017

JAMES, Christopher. **The Book of Alternative Photography**. 3ª Ed. Independence, KY: Cengage Learning, 2015.

- Artigo em Periódico

BRÄCHER, Andréa. Kenji Ota: um olhar sobre a materialidade em processos fotográficos históricos. **Revista: Estúdio**. Vol.3.p 50-54, 2012

FERNANDES JUNIOR, Rubens. Processos de criação na fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica. FACOM. São Paulo, n. 16, p. 10-19, 2006. Disponível em: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/rubens.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.